

— Nos impressos do seculo XVI frequentes vezes os cognomes e appellidos figuram com caracteres minusculos: *Pedro alvares, Men de sá, etc.*

Tambem era de uso o R maiusculo para indicar o som rr e, assim, escrevia-se — *Razão e teRa* (terra).

A regra do maiusculo inicial dos nomes proprios, deixa de ser observada, quando esses nomes se tornam appellativos. Exemplo: um gole de *cognac*; uma taça de *champagne*, etc.

Nas linguas romanás, o uso das letras minusculas é quasi uniforme. No inglez o pronome I (eu) e no allemão todos os substantivos, escrevem-se com a inicial maiuscula.

No latim barbaro usava-se o i maiusculo para evitar o *id* dobrado: *frumentariI* = *frumentarii*.



NOTAS FINAES

Incluo nesta ultima secção varias observações esparsas e correcções ou ainda additamentos e exposição de duvidas que me occorreram ou me foram apresentadas por alguns dos meus mais escolhidos leitores. Já desde muitos annos se acha estereotypada esta *Grammatica*, e por isso não foram feitas as correcções apontadas no *Zeitschr. f. rom. Phil.*, por H. LANG, e por LEITE DE VASCONCELLOS (em carta intima), como por exemplo da forma *geu* (=já eu em *nam-já-eu*), e principalmente do segundo dos dous philologos as observações avulsas: *te* é tambem dativo (*dei-te*) e assim *me*, *nos*, *vos*, e por isso se emprega *Ihe* como accusativo em *chamei-Ihe santo*"; os nominativos *Dido*, *Jupiter* (*Juppiter*), *Nero*, etc., são literarios, e não podem estar a par de *Deus*, *Domínigos*. A par de *Marcos* ha em portuguez antigo *Matheu*. Os

nominativos precisam de discussão. *Muu* (*muo*) paralelo a *mua*, *cadella* e *rapariga* são palavras diversas de cão e *rapaz*, não amplamente. Era bom ter posto os prefixos propriamente portuguezes; *ausente* não é formado dentro da nossa lingua; vem do latim já prompto, e assim muitos outros. Tambem era bom ter indicado a funcção de cada suffixo. Na syntaxe acho observações boas".

Certas modificações propostas por LEITE DE VASCONCELLOS foram incluídas nos lugares proprios do texto; algumas, porém, não podem, todavia, ser acceitas.

Esta *Grammatica*, foi escripta para os Gymnasios, onde se não ensina estriictamente a *grammatica* historica, e seguiu as linhas geraes do programma adoptado; por essa razão nunca fiz cabedal de dizer explicitamente

tratando, p. ex., da flexão de genero, que *pae*, *rapaz* são palavras diferentes de *mãe*, *rapariga*, segundo a etymologia de cada uma d'ellas; permiti-me a dizer que umas, em portuguez, como succede em outras linguas, são femininas das outras, e entende-se não na *fôrma*, mas no *sentido*, até porque a differença de fôrma é patente e não permite engano. Quando falei na "*distensão de fôrma*", de *rapaz*, *raparigo* e *cão*, *cadella*, não fui de certo exacto, mas logo no paragraho seguinte da mesma pagina corrijo o defeituoso da expressão, notando as fôrmas antigas ou etymologicas *raparigo*, que existiu, e *catella* (ou talvez *câtella*, como registra Kœrting), diminutivo, o que significa que não attribuindo a mesma origem para o feminino, considero palavras diferentes as duas fôrmas. *cão* e *cadella*, etc.

A reflexão de L. DE VASCONCELLOS acima exposta, de que na phrase "*chamei-the santo*" o *the* é accusativo, é, a muitos respeito, interessante; na linguagem popular do Brasil *the* pôde ser sempre accusativo: *vi-the* (vi-o) e na lingua portugueza archaica deparam-se exemplos d'este uso. O facto de existirem dous accusativos (*chamei-the santo*) tem outros exemplos seguros nos seculos XVI e XVII, se-

gundo observação minha, na phrase "*o ter mão*" (=deter, obstar), "*tenha-o mão*", que occorre uma vez ou outra nos classicos. || Desde a 12ª ed. que a parte pormenorizada da phonologia (*permutas* de letras) que estava estereotypada na da 2ª ed. (1888) e reproduzida nas seguintes, foi de todo supprimida, por inutil ensino; desde muito necessitava mais accurada revisão, e de tal ordem que equivaleria a trabalho inteiramente novo.

INTRODUÇÃO — Pôde ser contestado, por ser materia ainda de duvidas, o pouco que propositadamente ahí dissemos dos celtas, iberos e populações primitivas da peninsula. O melhor para os leitores brasileiros e portuguezes seria ler o livro de critica de SILVIO ROMÉRO — *A Patria portugueza*, onde essas questões ethnographicas são expostas com grande clareza e elevação. || As *etymologias* como são indicadas merecem exame pormenorizado; basta dizer que são na quasi totalidade tomadas de *segunda mão* ou pelo francez ou ainda pelo espanhol, ou pela literatura; se exceptuarmos as antigas fôrmas *arabicas* e *germanicas* e as *indianas* e *americanas*. poucos serão os vocabulos que de sua origem estranha foram

directamente tomados. || *Boné e paletot*. Entre outras observações do illustre mestre CANDIDO DE FIGUEIREDO, as quaes por muito bem cabidas aceitei, como se vê do texto, todavia aportuguezei a fôrma *bonet*, sem fazer o mesmo a *paletot*, porque uns pronunciam *paletô* e outros *paletó*, o que parece indicar que a fôrma exotica ainda se não adaptou á indole prosodica da lingua.

CLASSIFICAÇÃO — Na *classificação* inclúo, por ser cousa inevitavel, muitos factos de syntaxe. Ao meu ver, a grammatica deve ser toda ella syntaxe ou estudo da phrase, sendo as demais partes divisões subsidiarias e até meras definições, ainda que uteis ou indispensaveis. || O *emprego de e* no corpo dos nomes numeræes deveria merecer a attenção dos grammaticos; os numeros que multiplicam não trazem a conjuncção (quatro centos = 4×100 ; tres mil = 3×1.000); os numeros que se sommam trazem-n'a (mil e quatro $1.000 + 4$; vinte e sete, $20 + 7$); por isso fôra preferivel dizer *mil e novecentos* e não *mil novecentos*. || Ha quem não aceite a classificação de *logo* como conjuncção de coordenação. || A observação de que *a* equivale a *e* (dezeseis e dezaseis) não tem lugar; por um hellenismo, se o quizerem, que se acha no latim e nas linguas romanas, e equivale a *mas* e *mais*.

MORPHOLOGIA — Deve estar corrigida. ahi e em outros lugares a etymologia de *menino*, que é fôrma germanica. || *Nominativos*; veja-se a observação de LEITE DE VASCONCELLOS, no começo d'estas notas. || Occorre, por vezes, na exposição da materia a palavra *expresso* (em vez de *expressado*), que ficou da primeira redacção d'este livro; prefiro hoje dizer *expressar* e *expressado* no logar em que escrevia *exprimir* e *expresso*, que são, ao meu parecer, vozes improprias. || *Pequeno* deriva mediatamente de *picca*, pèga. || Etymologia de *averiguar*; leia-se o que excellentemente escreveu GONÇALVES VIANA, nas suas *Apostilas*, tom. I, loco. || *Sandeu* formou-se do feminino *sandica* (melancia), em espanhol) palavra que passou a designar a estupidez (ir. *courge*, *melon*, com a mesma metaphora). E' o que diz SAINÉAN LAZARE — *Zeitschr.* 1907. || *Vendaval* já está em PANTALEÃO D'AVEIRO e talvez seja formação peninsular, extranha ao francez. || *Ausente*; não vejo como seja de mister, como diz VASCONCELLOS, admittir que tenha já vindo formado do latim; da mesma formação temos o archaismo *ausia* (absis,-ida), *ousia* e *au-*

sidia, registrados em Viterbo. || De origem analoga é *apaniguada*, ant. *apaniguado* (*pan* e *agua*); GONÇ. VIANA, *Apostilas*, I, 75. || *Bem*, adverbio ás vezes tido, sem razão, como gallicismo. Que o não é, demonstrou-o HERACLITO GRAÇA, que escreve nos *Factos da linguagem*, com o grande conhecimento dos classicos: "Ha mister outros exemplos de portuguez? Apon-temos alguns, mas exclusivamente de classicos quinhentistas e seiscentistas, quando a literatura portugueza recebia o influxo da espanhola e da italiana, e ainda não predominava o da literatura franceza. "Cavando anda baccello, *bem* cansado e *bem* suado". Gil Vicente, t. 3, pagina 216. *Farça dos Almo-creves*. "Eu que *bem* mal cuidava que em effeito. Se possesse o que o peito me pedia". Camões, *Lus.*, c. 4, e. 77. "*Bem* mais cousas e avisos que palavras". Lobo, *Côrte na Aldeia*, Dial. 3, p. 52. "Feito insigne e *bem* afortunado". Brandão, *Mon. Lusit.*, t. 1, p. 401. "De algumas çacinas de que ellas estavam *bem* largamente providas". Mendes Pinto, *Peregrinações*, t. 3, c. 171. "*Bem* continuadamente". Bernardes, *Paraíso dos Contemplativos*, pag. 230. "*Bem* maior trabalho". D. F. M. de Mello, *Carta de guia de Casados*, c. 2. "Estando as

cousas neste *bem* ruim estado". Couto, *Dec.* 6, l. 3, c. 2. "Isso era *bem* mal feito". Jorge Ferreira, *Ulysippo*, pagina 264. "Quem é aquelle outro de borzeguins amarelos? D'aqui é terrantez, filho de um siseiro e *bem* rico, que dizem que elle é". Idem, *Eufrosina*, t. 4, sc. 5. "Aquelles que alcançam o officio, ham-se por *bem* ditosos". Idem, act. 2, sc. 5; "*bem* acondicionado fim." Ibidem, sc. 6; "*cumpra-a* quem a de tratar, se *bem* acreditado". Ibidem, sc. 7. Pags. 99—80." Heraclito Graça, *Factos da linguagem*.

Syntaxe

INFINITO PESSOAL — As regras expostas no texto da *Grammatica* devem ser meditadas *cum grano salis*. Ainda ha muita incerteza na materia e basta apontar os varios pareceres e opinões que foram compiladas no *Diccionario Grammatical*. A estes convém ajuntar as instructivas paginas que escreveu o abalizado mestre DR. CARNEIRO RIBEIRO (*A redacção do projecto doCodigo Civil — Bahia*, 1905, pags. 240 *sequ.*).

A regra n. 5 do texto recebeu a seguinte censura, e *bem* merecida, de CANDIDO FIGUETREDO, na resposta que deu a uma consulta que do Brasil lhe fôra feita. Seguem-se á

resposta outros ensinamentos uteis:

“A proposito do infinito pessoal, vejo numa *Gramática* muito bem conceituada, e que V. conhece, a regra de que se deve empregar o infinito pessoal quando o sujeito, diferente do sujeito do verbo principal, é posposto ao infinito como em — *Suceda topares tu com êle*... — “Então, se neste exemplo o sujeito *tu* fôr anteposto ao verbo, não poderá este têr a fôrma pessoal?” Póde (responde C. F.): “*Suceda topares tu*...” — “*Suceda tu topares*...” *Tu topares* não é eufónico, mas é gramaticál. E’ judiciosa a observação de *Um Mineiro* e inclino-me a crêr que a suposta e aludida regra foi redigida num momento de precipitação ou inadvertencia do referido gramático, justamente apreciado entre os melhores. — “Por que é que V., em um dos seus últimos artigos, empregou sob a fôrma de impessoal o verbo *parecêr*, que entra na seguinte frase: A etimologia e a pratica *parece* justificarem... —! *Parecêr* não é empregado ali sob a acepção de *têr a apparencia*? E, nesse caso, não deve ir para o plural, concordando com os dois sujeitos da oração?” Há nesta pergunta de *Um Mineiro* equívocos varios: 1º, *Parece* não é impessoal: é a terceira pessoa,

singular, do indicativo... 2º, *Etimologia* e *prática*, não são nem podiam ser o sujeito de *parece*. Mas eu sei o que *Um Mineiro* quer dizer. Se eu escrevêsse: — A etimologia e a pratica *parecem* justificar, — *Um Mineiro* nada objectaria, porque realmente nada haveria que dizer. Mas, como eu transformei a construcção, tornando *etimologia* e *prática* o sujeito de *justificarem*, e servindo-me da oração infinitiva como sujeito de *parece*, *Um Mineiro* hesitou sobre a gramaticalidade daquilo. Mas não ha razão para hesitar: o verbo principal é *parece*; o sujeito é o *justificarem*, que, por isso mesmo que póde sêr precedido do artigo *o*, não póde sêr sujeito de um verbo no plural: — *O justificarem parece*... São correntes e vernaculissimas as duas fôrmas: — *Parecem têr* juizo os meus amigos. Ou: — *Parece terem* juizo os meus amigos que é o mesmo que: — *Parece* que elles têm juizo. Como a oração integrante e a oração infinitiva podem ser sujeito de um verbo principal, *uma só* acção secundária ou subordinada não póde pluralizar o verbo, de que é sujeito. Em summa: o plural, que *Um Mineiro* procurava inutilmente em *parece*, encontra-o em *justificarem*. Se eu dissesse *parecem*, não teria dito *justificarem*, o que seria descon-

chave de grande marca; mas diria *justificar: parecem justificar...* Ainda terá dúvida *Um Mineiro? Não me parece.*"

COLLOCAÇÃO E COMBINAÇÃO DE PRONOMES — Ao que ficou escripto ajuntem-se os seguintes trechos tomados de artigos avulsos de CANDIDO DE FIGUEIREDO, a cerca da collocação dos pronomes: I. Interrogando, *em portuguez*, nunca se diz: — "Em que os homens encontram mais prazer? — Em que os versos valem mais do que a prosa? — Em que o dinheiro pôde substituir o talento?" O senhor Paulino de Brito terá ouvido e lido phrases taes na sua terra; em Portugal nunca as ouvirá, nem se lhe depararão em bons escriptores portuguezes. O que se diz cá e o que os mestres dizem é isto: — "Em que pôde o dinheiro substituir o talento?" — "Em que valem os versos mais do que a prosa?" — "Em que encontram os homens mais prazer?" Ou isto, se bem que menos euphónico: — "Em que é que os homens encontram mais prazer?" — "Em que é que os versos valem mais do que a prosa?" — "Em que é que o dinheiro pôde substituir o talento?" — "Em que é que a collocação dos pronomes pôde ferir, etc.?" II. Os vocabulos portuguezes, como os italianos e os espanhóes, formam tres

categorias, com referencia ao acento tónico: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos, ou, — como se dizia dantes, — *agudos, graves e esdrúxulos*. Mas não confundamos. A enclise, bem como a proclise, não envolve um dos elementos constitutivos dos vocabulos que a subordinam. Quando nós dizemos: *eu lhe dei*, servimo-nos de tres vocabulos; e, portanto, se dissermos *eu dei-lhe*, ficaram os mesmos tres vocabulos. No primeiro caso, o *lhe* é proclítico; e, no segundo, enclítico. Se *lhe dei* não é nem pôde ser uma palavra só, também *dei-lhe* o não será. O híphen não põe nem tira nada á essência vocabular da phrase. Ora, se em *dei-lhe* temos dous vocabulos, embora um subordinado ao outro, parece claro que em *amassemo-lo* temos igualmente dous vocabulos: um é o pronome proclítico *lo*; e outro é o verbo *amassemos*; aquelle não tem accentuação propria, como a não tem qualquer particula enclítica ou proclítica; e este é um vocabulo proparoxítono, pertencendo, portanto, a uma das tres categorias dos nossos vocabulos. Não vejo por isso fundamento na affirmação do Sr. Paulino de Brito: que *amassemo-lo* é inadmissivel na lingua portugueza. Fórmulas identicas são vulgares na linguagem corrente, por

exemplo : — “ *Afigurasse-me que não é verdade.* ” — “ *Contavam-se-lhe os amigos aos centos.* ” — “ *Esquivassemo-nos nós ás suas instancias, e não nos arrependeriamos.* ” E depois, a não ser á conta da euphonia, creio bem que os mais escrupulosos escriptores nunca hesitaram no emprego daquellas fórmas; e comprova-lo-hei, quando para tanto me sóbre pachorra e tempo. Por agora, apenas lembrarei que taes expressões são tão antigas na lingua, que as tenho aqui exemplificadas em documento do seculo XVI. Numa carta de D. João III (Torre do Tombo, Chancellaria, *Doações*, livro 40, folhas 215), lê-se: — “ *Notifico-volo asy...* ” Aqui está, pois, uma expressão que o Sr. Brito considera uma só palavra, e, portanto, inadmissível na lingua portugueza... Dos escriptores modernos poderei citar-lhe o respeitado Camillo, o qual, no prologo das suas *Estrellas Funestas*, escreveu isto: — “ *Estiveram os apontamentos a *obvidarem-se-me* na escuridade...* ” Não aceito a doutrina, mas é digna de registro.

A PARTICULA PRONOMINAL — SE. — A questão do pronome SE considerado como *sujeito* ou *objecto*, tem attrahido ultimamente a attenção de muitos grammaticos. São dignas de leitura as instructivas mo-

nographias escriptas nestes dous annos passados pelo CONEGO BRAGA (do Paraná), por Americo Brasiliense ANTUNES DE MOURA (de S. Paulo) e o *Ensaio linguistico* de OTHONIEL MOTTA (Jahú — S. Paulo), além de outros de que não tenho conhecimento directo. Para o CONEGO BRAGA e A. DE MOURA, o pronome *se* pôde ser e é effectivamente o sujeito em varias proposições de sentido geral. No texto d'esta *Grammatica*, como na *Selecta Classica*, digo que, pelo menos na linguagem de hoje, o *se* deve ser analysado como sujeito, quando corresponde ao *on* dos francezes, a *um* e *homem* da linguagem classica, nos casos identicos aos do emprego actual do *se*. Ainda a respeito da funcção do pronome SE, leia-se o comunicado de ALVES AMORIM, que vae transcripto adiante na parte da *Analyse logica*. || AMBIGUIDADE OU AMPHIBOLOGIA. — Não está bem explicado que os primeiros exemplos ahi apontados, tomei-os da *Gramm. castelhana* de ANTONES BELLO, aliás citado em nota.

Analyse logica

ANALYSE. — Para perfeita intelligencia do assumpto é muito de lêr-se o moderno *Manual de Analyse*, do professor Oiticica, livro em que ha muito que aprender e

aproveitar. Comtudo, sou pessoalmente infenso ás doutrinas geraes de analyse logica, não porque sejam erroneas ou inadptaveis ao ensino, mas porque não ensinam coisa alguma do idioma. As questões de analyse logica são as que mais excitam o interesse dos professores brasileiros. Creio que haverá excesso nesta paixão e que resulta do proposito de explicar *analytically* muitas das palavras, idéas e phrases que são pensadas e só valem como actos syntheticos. Nas minhas lições de portuguez, feitas no *Pedagogium* do Rio de Janeiro, a *Analyse logica* foi completamente eliminada por inutil ou insignificante. Sempre me pareceu que conhecidos os termos essenciaes da proposição, todo estudo ulterior e pormenorizado de divisões, subdivisões e classificações de phrase e talhos de phrase, nada ou quasi nada aproveita a quem quer estudar a lingua vernacula, e faz parte do que antigamente se chamava a *Grammatica geral filosofica* ou *systema* mais ou menos logico applicavel a todas as linguas. Tenho visto que muitos alumnos de portuguez sabem talvez *analyse*; mas não sabem ler, nem entender o que lêem, e ainda menos escrever correctamente, sem falar aqui do que ignoram da historia da lin-

gua. O methodo que adoptei nas minhas aulas foi o da *analyse dos vocabulos*, isto é, a sua formação historica, a dos elementos morphologicos e prosodicos, a boa pronuncia, a certa significação, o emprego syntactico, a synonymia, a collocação, as flexões e variações, isto é, em uma palavra, o sentido e a fórma, que só se comprehendem cabalmente na phrase ou no discurso.

O assumpto, entretanto, da *analyse logica* é e continúa a ser objecto de predilecção de quasi todos os mestres e por isso aqui incluo as observações, algumas excellentes, que me foram feitas por distinctos professores, as quaes envolvem reflexões sobre outras materias congeneres:

ANALYSE. DIVISÃO DA PROPOSIÇÃO. I. "Diversos grammaticos que tenho lido dividem a proposição composta em composta por coordenação e por subordinação. Não me satisfaz esta divisão ou eu não a entendo, porque "a proposição composta é a reunião de varios sentidos absolutos coordenados entre si." Ora, na proposição composta por subordinação dá-se justamente o contrario do que expõe a regra citada, como facilmente verificaremos. Na proposição composta por subordinação ha uma principal e subordinadas que lhe são comple-

mentares. A oração principal é por si só um sentido absoluto, mas a subordinação não. Logo, ellas podem estar coordenadas entre si e não com a principal, porque são completamente independentes e a subordinada não tem, como se sabe, a função da principal. Penso que se aceitando a composta por subordinação, admite-se a equiparação da subordinada á principal, o que não se verifica diante das leis do raciocínio, não podendo haver, portanto, proposição composta por subordinação, que é simples e unicamente a proposição complexa ou ampliada. No caso da composta por coordenação, nada tenho que me deixe em dúvida, porque as coordenadas são sentidos absolutos, são proposições simples ou complexas reunidas e ligadas pelo sentido para a organização do período. Se separarmos as coordenadas, cada uma de per si fará sentido perfeito; e, se separarmos as subordinadas, nem uma d'ellas fará sentido perfeito. Este facto mais uma vez demonstra que não pôde existir proposição composta por subordinação. Vejamos claramente pelos exemplos: *Julio Cesar, que foi um grande general romano, venceu os barbaros*. Este exemplo é da sua grammatica do 3º anno e lá figura como proposição complexa e nisso estamos ple-

namente de accôrdo. Outros grammaticos, porém, vêem ahi a proposição composta por subordinação, como tambem nest'outro exemplo que me occorre: *Vem á minha casa, quando voltares, porque desejo á tua presença que é muito cara*. Agora a proposição composta por coordenação: *Chegou, viu e venceu*. (Três coordenadas simples.) *Eu leio as minhas lições e espero que faças o mesmo*. (Duas coordenadas: uma simples e uma complexa.) *Quando se estuda com vontade, muito se lucra; mas quando não ha força de vontade, de nada vale o livro que se procura sempre com desamor*. (Duas coordenadas complexas.) Haverá, portanto, igualdade entre estas e aquellas proposições, ou haverá mesmo proposições compostas por subordinação?

“O segundo ponto d'esta carta com que estou a aborrecel-o, versa sobre uma questão velha que está por isso condemnada pelos competentes, que, no emtanto, já deviam tel-a resolvido. Falo d'esse pomposo adjectivo com que os nossos colonisadores chrismaram-nos, chamando-nos por desfastio ou por desprezo natural ou colonizador ao colonizado de *brasileiros*. Toda gente sabe que o suffixo *eiro* não designa nacionalidade, salvo se, applicado

a nós, elle tomou esta significação. Quando os senhores donatarios nos deram este titulo ou este rotulo, não queriam dizer certamente com isso que nós eramos nascidos no Brasil e sim meros cortadores de páu brasil, da mesma fórmula que chamaram ao filho de Minas-Geraes *mineiro*, querendo significar que elle era, não o nato d'esse Estado do Brasil, mas o trabalhador de minas. Não haverá um meio de tirarmos de sobre nós esta pecha desairosa e offensiva ás leis da grammatica? Facilmente, me parece, resolver-se-ia este caso, abrindo em toda a imprensa uma propaganda tenaz que se reproduzisse nas Escolas, nos Clubs literarios, nas Revistas e nos Livros. Convém ensinar ao povo a significação da palavra *brasileiro*, de maneira a convencel-o á luz da razão de que a palavra com que designamos o filho do Brasil é *brasiliense* ou *brasiliano*. Por esta razão deve dizer-se *mineirense*. Farei uma tentativa infructifera?" — THEODORO RODRIGUES.

II. 1.^a O compendio, ao mesmo tempo que expõe o methodo de "analyse de relações", traz, o antigo methodo, em que os elementos secundarios se denominam "complementos". Em uma obra didactica parece-ser ser isso um defeito. Já assistí a um exame,

aliás em bom collegio, onde os alumnos julgavam, como coisas muito differentes entre si o adjuncto attributivo e o complemento appositivo e o determinativo. Como convém simplificar o mais possível a analyse, evitando sobrecarregar a memoria do alumno de termos dispensaveis, eu me animo a lembrar-lhe a supressão do cap. "Complementos", adaptando aos termos da "analyse de relações" a que ahi se encontra sobre syntaxe de regencia. 2.^a O compendio define "proposição simples" a que se compõe unicamente de sujeito e de predicado. A ser assim, deve-se considerar "simples" a proposição "convém ir ao Rio", que consta sómente do sujeito "ir ao Rio" e do predicado "convém", quando é ella "complexa". Figura-se-me, pois, inexacta a definição. Não seria conveniente restabelecer o uso do termo "periodo" para exprimir a proposição completa por si ou o conjuncto de proposições terminadas em ponto final? "Periodo simples", definir-se-ia, então, o que é formado de uma proposição; "complexo", o que contém duas ou mais proposições, etc.; "composto", o que consta de proposições, que têm a mesma função. Ao contrario de Julio Ribeiro e outros, acho o termo "periodo" preferivel á "senten-

ça”, que é propriamente uma maxima, etc. 3.^a O compendio, diz que as de nominações “asyndeticas e syndeticas” nenhuma vantagem têm sobre as outras. Quaes outras? Elle apenas dá a denominação “collateral”, correspondente á “asyndetica”, esquecendo-se de mencionar o termo equivalente á “syndetica”. 4.^a O compendio adopta para os equivalentes — adverbias as expressões “locução adverbial”, adjuncto adverbial”, “clausula adverbial”, e para os equivalentes — adjectivos as denominações “locução adjectiva”, “clausula adjectiva” e “adjuncto... attributivo”. Não fôra melhor uniformar tambem esta ultima nomenclatura, dizendo “adjuncto adjectivo” e não “attributivo”? Além de que é este termo usado por alguns grammaticos (Bento de Oliveira e outros) como synonymo de “qualificativo”, ao passo que o “determinativo” serve igualmente de “adjuncto attributivo”. 5.^a A regra de concordancia do sujeito colectivo, á pag. 147, não se me figura claramente enunciada: Quando o colectivo é seguido de *um determinativo do plural*, etc. Por esta ultima expressão se entende communmente “adjectivo determinativo do plural” e não “complemento determinativo do plural”, e assim mais claro talvez ficára formular a

regra por esta fórma — Se o sujeito é um colectivo partitivo singular, seguido de um substantivo do plural ligado pela preposição “de”, o verbo vae geralmente para o plural. 6.^a Como as proposições coordenadas, que formam o periodo composto, consideradas em si equivalem a periodos simples ou complexos, costume dividil-as em coordenadas simples e complexas, analysando então cada uma dellas como se fôra periodo simples ou complexo. Não conviria dar essa divisão ás coordenadas? 7.^a O compendio refere-se a connectivos, cuja explicação se esqueceu de dar. Parece-me conveniente dar a definição de “connectivo” e de elemento emocional”, termos necessarios á analyse e empregados pelo prof. Alexander.” FIRMINO COSTA.

III. “Sou dos que se interessam pela pureza do seu idioma. Julgo um dos maiores e mais fortes attestados que se deve procurar da grandeza de um povo, a maior ou menor pureza observada na lingua do mesmo. Quando um paiz tem a lingua corrompida, é porque o seu povo está perdendo ou perdeu o character nacional. No Brasil, e mais ainda em Portugal, este phenomeno largamente se observa. Para mim, como para Edmundo de Amicis, “sono una cosa,

patria e lingua, pensiero e parola, parôla e vita". "Si dice che l'uomo vale per quello che sa; — diz o mesmo escriptor — ma vale anche in gran parte per come sa dire quello che sa".

"E' já tempo de cuidar das questões supra-alludidas.

"Foi mesmo o Mestre que me fez saber é o estudo comparado das linguas providas de um só tronco, a maneira preferivel para se obter o acerto das expressões na lingua vernacula. Isso a proposito de *se* sujeito — *gallicismo*. O mestre cita — *on parle*, — *on dit*. Em seguida lembra não haver na declinação do *se* latino, o caso sujeito. Tornei-me apostolo intransigente do *se* sujeito-*gallicismo*, combatendo em prol das opiniões do Mestre em discussões e em lições a que fiz parte. Este anno iniciêi o estudo do italiano. Esta lingua, como o portuguez, deriva do latim, e mais do que a nossa do latim se aproxima. Com extraordinario espanto meu, deparou-se-me no italiano, se não ha engano de minha parte, o *se* como sujeito. Senão, vejamos. Alighieri Dante começa assim a terrivel inscripção que diz ter lido, em sua visão, gravada á porta do Inferno: — "*Per me si va nella città dolente*". Lendo a traducção deste verso feita pelo Barão

da Villa da Barra, traducção feliz, no dizer do Sr. Araripe Junior, deparou-se-me isto: — "*Por mim se chega ao reino doloroso*", muito semelhante á traducção de Littré, citada tambem pelo Sr. Araripe: — "*Par mois l'on va dans la cité dolente*". Ora, confrontados o original e as duas traducções, nenhuma d'ellas apresenta, na parte referente ao caso em questão, differença alguma. E o sujeito das tres é — *si* — *se* — *on* (ou *l'on*, como requerem a euphonia franceza), em resumo, o pronome *se*. Portanto, *si* o *se*, *on*, foi sujeito no francez, foi-o tambem no italiano (*si*), como o foi no portuguez do Barão da Villa da Barra, portuguez feliz para Araripe Junior. Concluindo, penso — e desejava o illustre Mestre me dissesse *si* vou em erro assim pensando — que o *se* sujeito em portuguez não é lá quanto isso condemnavel: e assim como é *gallicismo* pôde tambem ser *italianismo* e para mim é mais isto que aquillo. Expliquemo-nos: Dante (é, creio, não ha corrupção no italiano de Alighiere) escreveu — *si va* — e *si va* mais se aproxima de *se chega* — ou *se vae*, que de *on va*. — Digo assim, porque, para mim, o equivalente em portuguez do *on* francez não é positivamente *se*, como geralmente dizem,

mas esse como idiotismo comum que nós temos na expressão — *a gente*, por *nós*. Ora, o *on* francez é uma corrupção de *homo* latino; por conseguinte, phrases como *on va*, *on dit*, *on parle*, etc. — (que, requerendo-o a euphonia, precedem do artigo *le*, para melhor semelhar-se ao nosso *a gente*) têm o valor positivo de — *o homem diz*, *vae*, etc., que em melhor traducção diríamos como familiarmente dizemos: — *a gente vae*, *a gente diz*, *a gente fala*, etc. El deante d'esses raciocínios que hei feito, que julgo hoje o *se* sujeito, apenas uma expressão feia na maioria dos casos, e como que sem logica, porém não tão condemnavel em portuguez, visto ser, no meu entender, mais *italianismo* que — *gallicismo*. Póde dar-se tambem o caso de que o meu pouco estudo do italiano, não consinta veja eu bem a analyse que se deve dar ao citado verso de Dante. Certo é, porém, que por mais que investigue, não descubro alli a possibilidade de outro sujeito que não o *si*.

“Ha poucos dias o meu amigo Paulino Santiago, tambem dado a essas investiga-

ções, narrou-me o seguinte, que tambem já lhe havia sido narrado: Ha uma grammatica portugueza de um padre que tratando de *se* sujeito, apresenta esta questão: “mulheres se tratam com delicadeza”, significando que “mulheres devem ser tratadas, etc.”; neste exemplo, diz o padre, si dissessemos — *mulheres se trata*, etc. — fôra erro — e dizendo como lemos acima dá-se a *ambigüologia*: isto é, não sabemos se “as mulheres devem ser tratadas com delicadeza” — ou se alli se dá a voz reflexa. Dos exemplos que se me têm apresentado, como *um becco sem saída* de *se* sujeito — o do padre é o mais razoavel. Mas ha ainda que perguntar: — porque em vez de aquillo não diremos mesmo: “as mulheres devem ser tratadas com delicadeza”; ou melhor: — “nós devemos tratar as mulheres com delicadeza”; ou ainda melhor: — “tratemos as mulheres com delicadeza”?... Em todo o caso, o padre apresenta uma questão mais digna de attenção do que muitas que se me têm apresentado, como, por exemplo — *só no céu se vive*.” —

ALVES DE AMORIM.



INDICE

Grammatica portugueza	3
Expressões da lingua portugueza.....	4
Advertencia	5
Prolegomenos	9
Phonetica	17
Consoantes	22
Transformações phoneticas	29
Accento e quantidade	40
Origem das letras. Leis.....	48
Alterações phonicas especiaes.....	54
Metaplasmos	54
Elisão	61
<i>O vocabulo</i>	65
Classificação	67
Substantivos	69
Qualificativos	77
Determinativos	80
Pronomes	88
Verbos	93
Palavras invariaveis	100
Familias de palavras. Raizes.....	106
<i>Morphologia</i>	113
Raiz e affixos.....	116
Genero, numero, caso.....	124
Numero (observações), genero.....	136

Declinação	138
Estudo historico da flexão.....	141
Grão	147
Flexão dos determinativos.....	154
Conjugação. Tempos etc.....	159
Quadro synoptico	166
Conj. regular	168
Terminação dos verbos.....	171
Conj. de auxiliares.....	174
Conj. completa	179
Conj. dos v. irregulares.....	186
Observações supplementares	193
Derivação — composição	197
Prefixos	201
Suffixos	212
<i>Syntaxe</i>	221
Concordância	225
Syntaxe do subst. e do aljectivo.....	237
Synt. possessivos etc.....	248
Synt. pronome pessoal.....	259
Synt. do artigo.....	264
Indef. e partitivos.....	271
Synt. dos verbos.....	272
Synt. do infinitivo e participio.....	285
Syntaxe das palavras invariaveis	296
Diffituldades de concordancia	316
Usos de <i>haver</i> e de <i>se</i>	327
Ordem e collocação das palavras.....	335
Collocação dos pronomes.....	343
Figuras de <i>Syntaxe</i>	350
Anacholuto	357
Vicios de linguagem.....	361
Gallicismos	366
Ambiguidade	371
Archaismos syntacticos	374

Analyse logica	380
<i>Idem.</i> Proposições	387
<i>Estudos complementares</i>	399
Formação do lexico	401
Allotropismo	418
P. variaveis formadas na lingua.....	420
P. invariaveis formadas na lingua.....	423
<i>Etymologia</i>	427
Principios geraes	429
Etymol. de substantivos	434
Etymol. de artigos e determinativos.....	436
<i>Id.</i> Pronomes	440
<i>Id.</i> Verbos. <i>Conjugação</i>	441
<i>Id.</i> Verbos irregulares	447
<i>Id.</i> Palavras invariaveis.....	454
<i>Semantica</i>	459
Noções de semantica.....	461
<i>Appendice</i>	469
Accentos graphicos, pontuação.....	471
Notas finaes	483